

O futebol brasileiro como instrumento de identidade

The Brazilian Football as an identity instrument

Agnaldo Kupper

Universidade Estadual Paulista

RESUMO:

Introduzido como esporte e apreciado por setores privilegiados da sociedade, o futebol popularizou-se no primeiro quartel do século XX entre as camadas mais populares do Brasil. Apesar da ação repressiva governamental, é provável que a nascente burguesia industrial brasileira tenha observado na prática um elemento também capaz de promover suas marcas, além de disciplinar operários e ocupar o tempo de lazer dos trabalhadores ao impulsionar o gasto de energia dos mesmos com atividades desvinculadas da produção fabril, em plena fase de explosão do movimento operário brasileiro. A partir da década de 1930, o Estado brasileiro, sob o comando de Getúlio Vargas, conteve as mobilizações promovidas pelos trabalhadores ao enquadrar tanto a classe operária quanto a burguesia industrial sob seu controle; para tanto, um dos elementos utilizados foi o futebol que, além de instrumento de desmobilização política, serviu à edificação de certa identidade nacional, em pleno período do Estado Novo (1937-1945). O sucesso do Brasil na Copa de 1938, realizada na França, teria dado consistência às intenções varguistas.

Palavras-chave: futebol; popularização; identidade nacional.

ABSTRACT:

Introduced as a sport and appreciated by privileged sectors of society, soccer popularized in the first quarter of the twentieth century among the most popular layers of Brazil. Despite the government's repressive action, it is probable that the nascent Brazilian industrial bourgeoisie has observed in practice an element that is also capable of promoting its brands, besides disciplining workers, occupying the leisure time of the workers and boosting their energy expenditure with unrelated activities of factory production, in the midst of the explosion of the Brazilian labor movement. From the 1930s, the Brazilian State, under the command of Getúlio Vargas, contained the mobilizations promoted by the workers by framing both the working class and the industrial bourgeoisie under their control; For that purpose, one of the elements used was soccer, which, in addition to being an instrument of political demobilization, served to build a certain national identity, during the Estado Novo period (1937-1945). The success of Brazil in the 1938 World Cup, held in France, would have given consistency to Vargas' intentions.

Key-words: soccer; popularization; national identity.

Futebol: primeiros passos

Futebol, atletismo, remo, turfe, pugilismo. Eis alguns dos esportes originados na Inglaterra. A princípio de caráter excludente, praticados por indivíduos das camadas

sociais mais abastadas. Não é de se estranhar o desenvolvimento do esporte moderno na linha da trajetória do capitalismo em sua fase industrial a partir do século XIX: racionalização, padronização e cálculo de performance, acompanhando a transição para a vida de base urbano-industrial (competitiva, racional e marcada pela busca de eficiência), expressando a passagem para uma nova mentalidade social, enraizada entre membros sociais privilegiados (até pela disponibilidade de tempo livre entre membros de uma elite social), mas depois internalizada entre os trabalhadores (até como forma de reforço às mentalidades dos segmentos sociais dominadores).

Victor Melo (2010: 19) afirma que desde que se organizou enquanto fenômeno social, o lazer sempre se apresentou como espaço de lutas simbólicas. Em primeira instância, porque foi conquistado e não cedido pelos proprietários dos meios de produção. Em seguida, por permitir a compreensão dos interesses existentes no interior de uma sociedade, logo, das relações sociais.

Sobre a origem do esporte moderno, Norbert Elias afirma que há uma relação íntima entre industrialização e esportivização, própria “de uma transformação mais profunda das sociedades europeias, o que exigia dos seus membros uma maior regularidade e diferenciação de comportamentos” (ELIAS; DUNNING, 1992: 225).

A penetração de práticas esportivas entre as demais camadas sociais inglesas significou a consolidação de novos hábitos culturais, a que Pierre Bourdieu denomina ‘violência simbólica’, apontando à adesão a um conjunto de hábitos e práticas representativas que definem certo estilo de vida. “A violência simbólica consiste em uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita dos que a sofrem e também, com frequência, dos que a exercem, na medida em que uns e outros são inconscientes de exercê-la ou de sofrê-la” (BOURDIEU, 1997: 22).

Ou seja, Bourdieu entende o esporte moderno como um fenômeno em que se atribuem posições relacionadas ao capital social, econômico e cultural de cada agente. A busca da hegemonia de determinadas práticas seria o acúmulo de uma distinção social de acordo com o seu potencial de poder simbólico. Para se compreender o esporte, segundo o autor, seria necessário conhecer e reconhecer a posição que determinada atividade esportiva ocupa por meio da distribuição dos praticantes segundo a posição dos mesmos no espaço social, apontando para a necessidade de se perceber o tratamento do esporte na condição de fenômeno inscrito em um sistema mercadológico.

Marivoet (2013: 91) reforça o entendimento de Bourdieu ao estabelecer que práticas e gostos culturais são indicadores da condição do indivíduo em uma estrutura

social, incluindo aí os hábitos esportivos.

No Brasil, a existência de numerosos portos, aliada ao grande território do país, torna difícil precisar um local correto da introdução do futebol. No entanto, São Paulo, até pelos investimentos ingleses, teria sido a primeira cidade brasileira a assistir a pelepas disseminadas pelas suas vias, porém acompanhada bem de perto pelo Rio de Janeiro.

Oficialmente, o *football association* foi trazido para o Brasil (especificamente, São Paulo) por Charles Miller (1874-1953), filho de pai escocês e mãe brasileira de ascendência inglesa, nascido na rua Monsenhor Andrade, no bairro paulistano do Brás, que teria contado com o auxílio do professor alemão Hans Noibiling (que fundou na cidade de São Paulo o Germânia, atual Pinheiros). Oscar Cox (que havia estudado na Suíça) teria levado a prática ao Rio de Janeiro, sendo um dos fundadores do Fluminense Football Club.

Porém pairam dúvidas a respeito da introdução do futebol moderno no Brasil. Para Santos Neto (1994: 27), o futebol teria sido introduzido enquanto atividade no Brasil a partir do Colégio Jesuíta São Luís, na cidade de Itu, São Paulo, a partir das visitas de professores jesuítas a instituições de ensino europeias. Tais professores teriam trazido ao país o futebol – especificamente no colégio em questão –, introduzindo-o como atividade recreativa entre os discentes. Algumas citações apontam que clérigos católicos viam no futebol uma forma de solucionar problemas disciplinares entre os discentes.

John Mills (2005: 78) defende, no entanto, que independentemente das atividades futebolísticas terem sido praticadas em instituições de ensino como o Colégio São Luís, foi Charles Miller quem institucionalizou tal esporte no país.

Para Hilário Franco Júnior (2007), atribuir a introdução do futebol no Brasil a Charles Miller é querer privilegiar as elites¹ como protagonistas da história brasileira.

Afirmo, no entanto, que o processo de introdução e proliferação espacial do futebol no Brasil acompanhou a heterogeneidade territorial do país, ou seja, a distribuição e a estrutura do sistema urbano, as conexões com o exterior, o dinamismo de cada cidade e, particularmente, a geografia do Imperialismo Britânico, que em determinado período imprimiu-se de forma destacada na composição técnica da considerável extensão de terras brasileiras. Somente num segundo momento é que as nascentes metrópoles passaram a atuar como difusoras do futebol².

Em realidade, as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro assumiram o papel de

destaque no futebol desde o início do século XX, independentemente do pioneirismo da prática. A primeira, pelo desempenho econômico; a segunda, por ser o centro político do país. Desta forma, deve ser visto como nada surpreendente o fato de terem sido criadas nestas duas cidades as duas primeiras entidades gerenciadoras da modalidade esportiva no Brasil: a Federação Brasileira de Futebol, em 25 de setembro de 1915, em São Paulo, e a Federação Brasileira de Esportes, em 15 de novembro de 1915, no Rio de Janeiro³. O destaque que é dado a São Paulo e Rio de Janeiro enquanto centros irradiadores do futebol no país se dá, também, por existirem nestes centros registros históricos mais abundantes.

Independentemente, porém, da paternidade do futebol em solo brasileiro, fato é que o esporte teve sua trajetória absorvida por elementos sociais menos privilegiados, popularizando-se⁴. As iniciativas introdutórias pouco esclarecem ou interessam para a proliferação da prática, criadora de relações sociais. Vale lembrar que Charles Miller também teria introduzido o *rugby* no Brasil, porém este não caiu nas graças populares como o futebol. Talvez mais importante seja entender como a prática consolidou-se em solo brasileiro, enquanto, em paralelo, outras atividades foram lentamente sendo menosprezadas (apesar de admiradas por populares), caso do turfe, do ciclismo, da ginástica, do automobilismo e do remo. Uma das hipóteses seria a facilidade com que o futebol pode ser praticado, sem grandes equipamentos ou exigências.

No Brasil, nas primeiras décadas do século XX, a ociosidade das camadas populares mostrou-se preocupante, não só para empresários e agentes governamentais, mas também entre as lideranças operárias, principalmente anarquistas e comunistas, que viam na ausência de atividades regulares e no consumo de álcool a possibilidade de enfraquecimento do corpo para a resistência à exploração fabril. O jornal *Voz do Trabalhador* chegou a demonstrar tal preocupação em várias de suas edições: “O álcool é, sem dúvidas, o maior flagelo da humanidade. Combatê-lo é dever de todo trabalhador consciente”⁵.

Para tanto, periódicos como o citado propunham a prática de exercícios corporais regulares, a higiene como hábito e a educação para o enfrentamento à exploração. Desta forma, os discursos das lideranças operárias, mesmo sem tal intenção, direcionaram-se aos interesses capitalistas. Neste sentido, nas primeiras décadas do XX, ampliaram-se as organizações assistencialistas, sindicais, culturais, esportivas e recreativas, mesmo que fornecidas pelos empregadores.

O impulso ao futebol entre jovens está, provavelmente, calcado na visão de que

cada participante deve ocupar uma posição no jogo e deter um lugar definido (intenção obtida com o desenvolvimento do esporte), empenhando-se para realizar sua função da melhor forma possível, o que colaboraria para realçar a importância do indivíduo dentro de um grupo, assim contribuindo para o bom convívio de seus membros. As funções seriam claramente distribuídas e respeitadas. Além das noções disciplinares, a preocupação seria estabelecer entre os elementos o hábito de seguir rotinas, o que nos remete aos propósitos do industrialismo.

Seja como for, até os últimos anos do século XIX, em boa parte da América do Sul - ao contrário da Inglaterra -, o futebol enquanto prática vinculou-se mais a jovens estudantes e a técnicos especializados das companhias inglesas (PEREIRA, 2000: 26) devido à expansão do capital e aos investimentos britânicos em países como Brasil, Argentina e Uruguai. A presença de trabalhadores ingleses e estudantes de famílias abastadas nestes países identifica o imperialismo britânico na região.

A elitização do futebol no Brasil teria um tempero racial. A escravidão havia sido abolida há pouco em relação à chegada do futebol moderno (1888) e o trabalho estava associado ao esforço (visão vinculada a negros e pobres, com perdão à redundância). Às elites, a associação das atividades físicas a formas de fortalecer mente e corpo.

Fato é que nos primeiros anos do século XX, o caráter da prática era mesmo elitista, com agremiações fechadas, preenchendo o tempo livre dos filhos das famílias mais abastadas (SEVCENKO, 1992). Isto significa que, a princípio, o futebol tornou-se símbolo da virilidade de uma juventude estruturada em uma cultura patriarcal. Aos garotos mais pobres, restava assistir aos treinos dos estudantes, aproveitando para chutar a bola quando a mesma rolava em sua direção, experimentando-a (assim como ocorre com o tênis nos dias contemporâneos, quando “boleiros”, por alguns trocados, apanham as pequenas bolas, devolvendo-as aos seus reais praticantes). Joel Rufino Santos (1981: 15) aponta ocorrências em partidas de futebol quando o esporte reunia apenas elementos das camadas sociais privilegiadas no Brasil:

Mesmo os que conseguiram pagar o preço da geral sentiam-se intrusos no espetáculo: os craques, ao saudarem a torcida, nunca se dirigiam a eles, mas à seleta assistência da arquibancada, bouquet de moças e rapazes de boa família. Era o tempo em que os intelectuais ainda gostavam de futebol e comparavam, em artigos derramados e versos eloquentes, os jogadores a deuses gregos, os estádios ao Olimpo.

O futebol foi implantado de forma organizada no Brasil por sócios do São Paulo Athletic Club, entidade que reunia altos funcionários ingleses da Companhia de Gás, do Banco de Londres e da São Paulo Railway. Já a primeira equipe essencialmente brasileira (sem praticantes originários de outros países) foi composta por alunos do Mackenzie College de São Paulo, que fundaram a Associação Atlética Mackenzie College⁶. Em 1899, surgiu o Sport Club Internacional⁷ e, no mesmo ano, Hans Nobiling teria fundado o Germânia (atual Clube Pinheiros, em São Paulo), reunindo jovens funcionários do comércio da capital paulista.

Na então capital federal, Rio de Janeiro, assim como em outras unidades brasileiras, o futebol teve trajetória semelhante a São Paulo, embora em tempos e dinâmicas diferentes.

No Brasil, o regulamento dos primeiros torneios de futebol previa que apenas jogadores alfabetizados e não realizadores de trabalhos braçais poderiam atuar. Em verdade, o futebol, nos primeiros anos da República Velha brasileira (1889-1930), mostrou-se como a mesma: oligárquico e excludente. Segundo Hilário Franco Júnior (2007: 61), um esporte de bacharéis envolto na desigualdade social, ou melhor, uma prática esportiva de brancos em uma sociedade com marcas escravistas.

Para Antunes (1994), foi no ambiente das fábricas que o futebol ganhou corpo e estrutura, com os trabalhadores, na busca de lazer, criando soluções para praticar o esporte:

Inúmeros clubes surgiram de partidas de futebol improvisadas na rua ou no pátio da fábrica, durante o intervalo para o almoço. Aos poucos, a brincadeira ia ganhando organização. Como muita gente queria participar, os times começaram a ser formados no interior de cada seção de uma mesma indústria. Com o crescimento do número de times, mais partidas iam sendo realizadas, aumentando o tempo do jogo. Logo, só o intervalo para o almoço já não bastava. Estendeu-se, então, a atividade para os fins de semana (ANTUNES, 1994: 104).

O futebol de fábrica surgiu como passatempo. Aos poucos, outros interesses brotaram, com empresários descobrindo na prática a possibilidade de se obter disciplina, controle sobre o tempo dos trabalhadores das fábricas, cerceamento sobre as atividades dos trabalhadores nos sindicatos, valorização de seus produtos e artigos, visualização positiva da empresa, além da imagem de que esta se preocupava com a condição física e de lazer de seus trabalhadores. Ou seja, times operários pressupõem identidade entre os participantes de vida semelhante (trabalhadores), portanto, explorados pelo sistema. Neste sentido, a presença da fábrica (através do financiamento para aquisição de equipamentos, presença de diretores da empresa na estrutura administrativa do clube, nome da agremiação, fornecimento de campo pra a prática, entre outros) indica uma

interferência reguladora, ferindo resistências e autonomia, inclusive sobre ações políticas dos trabalhadores (greves e luta sindical).

Desta forma, teria sido a partir desta nova visão que anarquistas, anarco-sindicalistas e comunistas teriam começado a torcer o nariz para o futebol, provavelmente por começarem a perceber que o esporte poderia elevar o nome da fábrica, além de gerar confrontos entre os times e, conseqüentemente, entre os trabalhadores, desvirtuando a luta de classes. As ações e posicionamentos vacilantes das correntes do movimento operário brasileiro teriam contribuído para a popularização do esporte entre trabalhadores urbanos.

Como efeito de várias mudanças e acirrada pela Crise de 1929, assinalou-se a ruína da República Velha. Porém, o futebol não esmoreceu. Muito ao contrário.

Futebol como identidade nacional

Para Hilário Franco Júnior (2007), ao assumir o poder em 1930, Getúlio Vargas teria percebido o quanto o futebol tinha o poder de mobilizar as massas e como a seleção brasileira – mesmo sem unidade até então – poderia agir como um símbolo catalisador da nacionalidade almejada.

Meses antes da Revolução de 1930, que permitiu a ascensão de Vargas ao poder, o Brasil participara da primeira Copa do Mundo, realizada no Uruguai entre os dias 13 e 30 de julho.

O Brasil caiu na fase de grupos, com apenas dois pontos somados, vencendo uma partida e perdendo outra. No geral, o país ficou em sexto lugar. O futebol no país estava popularizado, mas ainda com claro cunho regional.

O desempenho brasileiro nesta primeira Copa do Mundo mostrou a ausência de unidade do país, marcada pelos interesses locais.

Não há como desconsiderar que o fim da República Velha, em 1930 - quando o Brasil partiu para seu projeto oficial de industrialização -, fez a política e o futebol se aproximarem em definitivo, talvez pela ênfase dada ao esporte no primeiro quarto do século.

Ao assumir a presidência da República após um processo revolucionário, em 1930, Getúlio Vargas apresentou o que intitulou Programa de Reconstrução Nacional. Entre os objetivos de tal projeto, estavam o uso do futebol e a promoção do samba e da

capoeira como elementos para uma nova definição de identidade nacional (ROSENFELD, 1993).

Mas nem tudo foram flores nos caminhos perseguidos por Getúlio Vargas.

A Revolução Constitucionalista de 1932 expôs a tensão brasileira quanto a um mundo novo em fase não consolidada. Trouxe reflexos ao futebol brasileiro, uma vez que aflorou ainda mais a rivalidade entre Rio de Janeiro e São Paulo. Os esportistas paulistas apoiaram a revolta, inclusive o jogador Friedenreich, que lutou pelas causas de São Paulo e, por conta do processo, doou troféus e medalhas para a causa paulista, além de participar do movimento como sargento e tenente.

Friedenreich, juntamente com o Estado de São Paulo como um todo, foi derrotado por Getúlio, talvez num único momento em que quem perdeu acabou, de certa forma, ganhando, uma vez que o governo getulista teria obtido freios em suas intenções.

No governo de Getúlio Vargas (1930-1945), a fim de promover e incentivar ainda mais o esporte operário, foram criadas instituições organizadoras de eventos que acabaram por se tornar importantes veículos de propaganda do governo e de seu regime político, bem como das próprias indústrias que deles tomavam parte. Em 1933, por exemplo, o governo Vargas criou a profissão do jogador de futebol, obrigando-o – como a todo trabalhador assalariado – à sindicalização. Tal profissionalização correspondia a um movimento cultural e político amplo, envolvendo os interesses da disciplina social do Estado e a criação de uma identidade nacional.

Para Joel Rufino dos Santos (1981: 48), a razão para a concretização do profissionalismo no futebol estaria na “revolução que vinha modificando a nossa sociedade pela base”.

A segunda Copa do Mundo, realizada na Itália fascista de Benito Mussolini, em 1934, poderia ter gerado a unificação das entidades brasileiras dirigentes de futebol, uma vez que na primeira edição, realizada quatro anos antes no Uruguai, a seleção brasileira não contara com a presença de jogadores paulistas devido a divergências entre a Associação de Esportes Atléticos (APEA) e a CBD, entidade com sede na capital federal de então, Rio de Janeiro.

As discussões sobre a convocação de jogadores profissionais e amadores para a Copa de 1934 acirraram-se, em especial através da mídia esportiva da época (em especial pelo *Jornal do Brasil*, defensor do amadorismo, e pelo *Jornal dos Sports*, defensor do profissionalismo pleno no futebol brasileiro). LCF e FBF, posicionando-se em favor dos interesses brasileiros, cogitaram ceder jogadores ao selecionado nacional, deixando as disputas com a CBD para trás.

Neste sentido, foram convocados vinte e oito jogadores, entre amadores e profissionais. Após um período de treinamentos, sairia do grupo a seleção imaginada como ideal. No entanto, para a concretização da proposta, algumas exigências: a convocação de apenas um jogador por clube e o reconhecimento oficial por parte da Confederação Brasileira de Desportos, da existência da Federação Brasileira de Futebol. A não concordância com tais exigências por parte da CBD gerou a formação de uma seleção sem apoio dos clubes profissionais ligados à FBF. As divergências teriam sido responsáveis pela participação considerada negativa do Brasil na Copa italiana. Ou seja, a rivalidade entre a FBF e a CBD fez com que esta última só enviasse jogadores amadores para a segunda Copa do Mundo, resultando na desclassificação da equipe brasileira logo na primeira partida. O jornal *O Diário de S. Paulo* assim se posicionou diante da campanha brasileira na Copa de 1934:

[...] Representada por uma seleção muito abaixo das suas possibilidades, o Brasil viu-se desclassificado, logo na primeira partida que jogou. Repetiu-se assim, uma vez mais, a triste sina que nos tem sido reservada, nas grandes competições internacionais de esporte, para os quais não nos faltam elementos eficazes de representação, principalmente em se tratando de futebol. Mas, a eterna imprevidência, a reiterada desídia, agora assim é a ocasião de afirmá-lo, a falta de visão e de patriotismo dos dirigentes não permitiram que desempenhássemos o papel, que a justo título, pelo valor dos nossos jogadores, poderíamos ter desempenhado. O mais que fizeram os organizadores do selecionado anteontem vencido pelos espanhóis foi arregimentar a pressa, sem o tempo necessário para um preparo regular, um quadro com altos e baixos entre os seus valores individuais, com apenas alguns nomes realmente representativos, para enviá-lo sem a indispensável antecedência à Itália, aonde chegou às vésperas do jogo e onde não teve tempo de ambientar-se. [...] em última análise, mesmo com a derrota, aliás prevista, o selecionado não fracassou totalmente e soube perder com brio. Valha-nos isso, como consoladora atenuante. E valha também, para o futuro, aos dirigentes do nosso esporte, mais esta rude lição⁸.

Nesta segunda edição de Copa do Mundo, a seleção brasileira teve como chefe da delegação Lourival Fontes, um dos mais próximos colaboradores de Getúlio Vargas. O próprio presidente tratou de colocar o futebol dentro do palácio do governo, quando afirmou que “a missão do time não é somente de caráter esportivo, mas envolve o desempenho de um dever cívico” (NEGREIROS, 1979: 217), talvez inspirado por Benito Mussolini, que transformara o Mundial de então em evento para consolidar o regime fascista.

A vencedora desta segunda edição de Copa futebolística foi a Itália, com o Brasil terminando em décimo-terceiro lugar. A ausência de unidade brasileira, identificada pela Revolução Paulista de 1932, teria demonstrado a falta de integridade nacional. Mas não só. Além da ausência dos melhores jogadores do país e das disputas entre dirigentes, as condições de viagem e a ausência de uma preparação física

adequada ocasionaram a péssima participação brasileira. O país ainda não apontava para uma política de uso do esporte como trunfo de unidade nacional. Porém, fazê-lo era uma questão de tempo.

Em 1937, a CBD (Confederação Brasileira de Desportos) finalmente aderiu ao profissionalismo.

O Estado Novo (1937-1945), sob o comando de Getúlio Vargas, marcou, definitivamente, a transição de uma sociedade eminentemente agrária para uma sociedade urbano-industrial (KUPPER & CHENSO, 1998: 248). No período, os princípios liberais da economia foram abandonados, passando o Estado a regulamentar as atividades produtivas do país, além de tornar-se a principal fonte de investimentos diretos.

A política geral de industrialização definitiva e a própria modernização empreendida pelo Estado não foram uma vitória de um dinâmico setor urbano e não nasceram das fábricas. Constituíram uma política emergente dos níveis supra-estruturais, ou seja, implantadas de cima para baixo.

No aspecto social, a imagem de plena harmonia entre o povo e o governo era um dos objetivos mais caros a Vargas e seu Estado Novo. Para atingir seus objetivos, Getúlio Vargas fez uso de dispositivos jurídicos que asseguravam a repressão aos movimentos de esquerda, enquanto a aliança com as massas urbanas se estruturava e alicerçava no conjunto da legislação trabalhista e na manipulação política propiciada pelos mecanismos de propaganda dominados pelo Estado. Dessa relação entre o governante carismático, paternalista, e a massa urbana, originou-se um dos mais característicos componentes da política brasileira contemporânea, o populismo, que representou o atrelamento dos trabalhadores e de suas organizações às diretrizes políticas implementadas por Getúlio.

Na busca do entendimento de como o futebol foi utilizado simbolicamente na construção da identidade nacional durante os anos 1930 e 1940, Denaldo Alchorne Souza (2002) aponta para uma diferenciação na visão de nação entre os agentes envolvidos: para os trabalhadores, o futebol estaria ligado ao lazer; para o Estado, ao mundo do trabalho.

A tutela do Estado sobre os trabalhadores e suas organizações tem raízes no início dos anos 1930, mas se consolida com o Estado Novo. A cronologia da implantação de tal tutela é registrada pela promulgação das principais leis trabalhistas: Lei Sindical (1939) – quando toda a vida das associações profissionais passou a gravitar em torno do Ministério do Trabalho, que transformou os sindicatos em entidades

promotoras da harmonia social com objetivo de eliminar instrumentos da luta de classes -, Justiça do Trabalho (1939), Imposto Sindical (1940), Salário Mínimo (1940) e a Consolidação das Leis do Trabalho (1943). Ou seja, foi a partir do Estado Novo que foram definitivamente incorporadas as demandas e tradições dos trabalhadores das décadas anteriores. As principais intervenções públicas de Vargas dirigidas aos trabalhadores aproveitaram-se da popularização do futebol. Basta que se verifique que foi em São Januário (do Vasco da Gama) - maior estádio de futebol do Rio de Janeiro antes do erguimento do Maracanã - que foram anunciadas a adoção do Salário Mínimo e a Consolidação das Leis Trabalhistas (1943).

Em seu projeto nacionalista, Vargas passou a valorizar documentos e patrimônios históricos, criou o Ministério da Educação (inclusive com a obrigação de se ver estampado o Hino Nacional nos cadernos escolares), apostou nos esportes (destaque ao futebol) e colocou-se como um líder nacional através, entre outros aspectos, de suas fotos posadas.

Na tentativa de fazer do Brasil uma Nação, ou seja, um território congregado, independentemente das diferenças sociais e econômicas da população, Vargas passou a edificar uma “arquitetura desportiva” através do erguimento de praças esportivas, colônias de férias, clubes e escolas de Educação Física voltadas para a juventude do país - em 1937 foi introduzida a obrigatoriedade da Educação Física enquanto disciplina nas escolas -, para o operariado e descendentes e para menores habitantes de cortiços e favelas.

A “oficialização do esporte” no Brasil se deu através do Decreto-Lei n. 526, de 1 de Julho de 1938, que criou o Conselho Nacional de Cultura, vinculado ao Ministério da Educação e da Saúde.

Deve ser destacada a importância da imprensa, então um dos principais veículos de formação da opinião pública, que procurou adaptar-se ao gosto do leitor e aumentar suas vendas. Apesar de seus interesses, esteve controlada por Vargas, contribuindo com a empreitada nacionalista.

Outra iniciativa do Estado Novo foi a criação do Conselho Nacional dos Desportos (1941), também vinculado ao Ministério da Educação e Saúde. A missão do CND seria a de orientar, fiscalizar e incentivar a prática de desportos no país, podendo autorizar ou desautorizar a participação brasileira em disputas internacionais, além de vigiar as atividades profissionais esportivas. O mesmo decreto estruturou as confederações por ramo esportivo (basquetebol, pugilismo, vela e motor, esgrima,

xadrez e a Confederação Brasileira de Desportos, responsável pelo futebol, saltos, natação, remo, voleibol, handball, tênis, atletismo e polo-aquático). O destaque da CBD, no entanto, seria o futebol, de acordo com o II Parágrafo do decreto mencionado.

Mais uma prática estatal utilizada para o engrandecimento definitivo do futebol enquanto esporte nacional foi o estímulo à construção de estádios. Tais estruturas incutiriam entre os brasileiros as representações oficiais, a integração nacional e o sentimento patriótico.

Desta forma, através do futebol, o Estado passou a produzir a transição da “memória coletiva” para a “memória nacional” (ALABARCES, 2002: 48). Ou seja, na Era Vargas, o esporte em questão, até então vinculado ao lazer e ao controle sobre trabalhadores, ganhou importância de Estado, procurando estabelecer a visão de que ricos, pobres, trabalhadores, brancos, negros e mulatos deveriam ter direito à participação do contexto geral nacional. A mensagem estava dada: da montagem de um clube de bairro à estruturação do selecionado nacional, o imaginário de nação deveria estar presente, estabelecendo-se o sentimento de pertencimento ao país.

Copa de 1938: a concretização dos propósitos varguistas

Getúlio Vargas teria percebido ainda mais claramente, em 1938, o quanto o futebol mexia com os brasileiros, ao ponto de enviar como madrinha da delegação brasileira que disputou a Copa de 1938 na França, sua própria filha⁹. E mais: concedeu à delegação brasileira uma subvenção de 200.000\$000¹⁰.

Para a campanha da seleção brasileira de 1938, foi traçado um planejamento rigoroso, através da mobilização de diferentes setores da sociedade civil, governo e imprensa especializada. Desta forma, um programa de treinamento físico foi elaborado pela Escola de Educação Física do Exército. Jogos-treino foram agendados e a premiação aos atletas e comissão técnica foi previamente acertada, como pode ser observado nas palavras de Luiz Aranha, presidente da Confederação Brasileira de Desportos no período: “Os nossos esforços em proporcionar todo o conforto aos *scratchmen* terão de ser correspondidos à altura. Por isso exigimos disciplina, sem transigência, ao mesmo tempo que dedicação ao preparo físico. Sem a compreensão moral da missão, nenhum resultado prático se poderá esperar na cancha”.¹¹

O entusiasmo pelo evento foi grande entre os brasileiros; afinal, diferentemente das duas copas anteriores, o selecionado brasileiro teve um preparo adequado, superando as rivalidades entre paulistas e cariocas, uma aposta do governo Vargas.

A Copa de 1938 teria marcado o encontro dos brasileiros consigo mesmos ou a intenção de fazê-lo¹²; afinal, foi a primeira vez que o país foi para um evento mundial com um time miscigenado (em 1930, só o negro Fausto; em 1934, apenas Leônidas da Silva). Ou seja, em 1938, o futebol teria emergido como representação social do brasileiro, quando se procurou instaurar “uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade” (MOSCOVICI, 2012: 21).

Pesquisa do Departamento Nacional do Comércio atesta o quanto os periódicos esportivos foram os que mais cresceram em número nas primeiras décadas do século: saltaram de cinco jornais em 1912 para cinquenta e oito em 1930¹³. E não pararam de crescer nos anos seguintes.

O Brasil passou a ser apontado pela imprensa como um dos favoritos para vencer a Copa de 1938:

Todos os nossos jogadores estão decididos a não poupar nenhum esforço para alcançar a victoria desejada. Todos os componentes do quadro, estão treinados até o limite máximo”. Leônidas por sua vez asseverou que “todos nós sabemos que não somente representamos o Brasil como, também, a América do Sul”, acrescentando: “Faremos todo o possível para vencermos nossos adversários. O tempo, de resto, parece querer auxiliar-nos¹⁴

Novamente a Itália foi campeã, com o Brasil terminando em terceiro lugar após cinco jogos (três vitórias, um empate e uma derrota). Na decisão pelo terceiro lugar, o Brasil venceu a Suécia por 4 a 2. Nesta edição, o brasileiro Leônidas da Silva tornou-se o maior goleador do torneio, com sete gols.

A derrota da seleção brasileira para a italiana na Copa de 1938, especificamente em 16 de Junho, fez a população chafurdar-se em tristeza. De todos os cantos do país, notícias chegavam apontando para o desapontamento pela derrota.

Em verdade, na partida contra a Itália, que paralisou boa parte do Brasil, a seleção nacional não contou com seu principal jogador, Leônidas da Silva, que, lesionado, ficou de fora. Para muitos, se tivesse jogado, a sorte brasileira teria sido outra.

O resultado contra a Itália foi tido como injusto, como atestou Getúlio Vargas em suas anotações pessoais: “O jogo de football monopolizou as atenções. A perda do team brasileiro para o italiano causou uma grande decepção e tristeza no espírito público, como se tratasse de uma desgraça nacional” (VARGAS, 1995: 140).

Os jogadores Leônidas da Silva e Domingos da Guia tornaram-se ídolos de todo um povo, contribuindo para que se encarnasse o valor ideológico da democracia racial de Gilberto Freyre. Leônidas passou a preencher páginas dos jornais, inaugurar lojas e tornou-se garoto propaganda até mesmo de pasta de dente.

Fato é que a Copa de 1938 teria alcançado seus objetivos, seja de utilizar o futebol para um projeto de união do país, seja para testar a imprensa e sua fidelidade ao regime.

O sucesso brasileiro no evento acompanhou o cenário do país: modernização econômica, desenvolvimento tecnológico e consolidação do Estado, refletindo a ideologia estadonovista.

As autoridades do Estado Novo não perderam a oportunidade de associar o sucesso da seleção ao regime estabelecido a partir de 1937, procurando fortalecer a ideia de identidade nacional, como que procurando consolidar a visão de nascimento do “novo homem brasileiro”, marcado por civismo e patriotismo, características inseridas em um “Estado forte” a ser solidificado a partir do aperfeiçoamento físico de seus cidadãos através da educação física.

Conclusões

Não se pode descartar a visão de que, através do futebol, o brasileiro aprendeu a expressar-se, revelar-se, procurando contar a sua história a partir de si mesmo, mesmo sem grande clareza.

Segundo José Miguel Wisnik (2008: 402), no Brasil o futebol pode ser visto como “fundado em inaceitáveis mecanismos de compensação por tudo o que o país não realiza, compensação tomada como satisfatória em si mesma”.

O futebol emergiu elitista. Na Primeira República (1889-1930), popularizou-se espetacularmente, acompanhando as transformações brasileiras, em especial a partir da década de 1910, participando da vida operária intensamente, seja lúdica, seja politicamente. Ao engendrar-se na vida do brasileiro, o futebol passou a expressar uma riqueza simbólica e a própria sociedade brasileira em determinado momento histórico, mostrando-se presente nos grandes embates e debates do país.

É provável que, assim como as escolas, os industriais tenham observado no futebol um esporte capaz de disciplinar seus operários, ocupando o tempo de lazer dos trabalhadores e impulsionando o gasto de energia com atividades desvinculadas da

produção fabril e do trabalho coletivo. Visto assim, o futebol estaria vinculado às ferramentas utilizadas para o que se denomina controle social.

O perfil de participação do Brasil nos torneios realizados a partir da década de 1930 (Copas do Mundo de Futebol) insere-se em um contexto histórico, expressando a configuração social do momento então vivido. A vitória e a derrota passaram, desde então (em especial a partir da Copa de 1938), a ditar rumos e rever caminhos. Ou seja, o futebol no Brasil passou a expressar uma riqueza simbólica ao expressar a sociedade brasileira em determinado momento histórico. Seja em seus momentos econômicos, políticos ou sociais, esteve e está presente nos grandes embates e debates do país.

Getúlio Vargas teria percebido claramente o quanto o futebol mexia com os brasileiros, tanto que, a partir da Copa de 1938, a identidade brasileira encontrou nesses torneios seu ritual de congregação máximo, já que, por ocasião do evento, valores sociais passaram a ser compartilhados entre os brasileiros, fazendo florescer um nacionalismo nem sempre presente na vida diária nacional (sempre com reforço da mídia e das campanhas publicitárias, fazendo com que a seleção do país passasse a ser vista com representante de toda uma coletividade).

Fato é que o futebol, em sua trajetória histórica, talvez tenha sido o primeiro instrumento de autoestima do brasileiro diante e perante o mundo e apenas afirmar que o futebol seria uma invenção das classes dominantes para manipular os trabalhadores ou uma apropriação e resistência dos segmentos sociais dominados parece-me pouco, pequeno.

Dentro do imaginário político nacional, talvez o futebol seja o traço cultural mais relevante e que representa a cultura política brasileira. Isto porque é fato que a prática futebolística penetrou profundamente na vida do brasileiro, passando a fazer parte do seu cotidiano. Desta forma, entender a trajetória do “jogo da bola” é entender um pouco mais do Brasil, de sua história e de sua gente. Um esporte que, a princípio, associava-se às elites e que se popularizou de forma assustadora, em especial a partir do primeiro quartel do século XX, período em que as agitações operárias preocupavam proprietários e governo (este último enquanto representante dos interesses dos possuidores e do Estado em si). Com a absorção do elemento futebol como componente de Estado a partir do governo Vargas, somados paixão, lazer, nacionalismo e heroísmo, pronta a receita que fez do futebol um poderoso instrumento social e político (quicá econômico).

A partir do resultado da participação brasileira na Copa de 1938, representações

de futebol emergiram no país. Estado e imprensa esportiva atuaram conjuntamente para a vinculação futebol-identidade nacional. Ao que consta, o projeto getulista não foi em vão.

Referências

- ANTUNES, Fátima M. *Futebol de fábrica em São Paulo*. 1992. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.
- . O futebol nas fábricas. *Revista USP*, São Paulo, Dossiê Futebol, n. 22, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997
- BURKE, Peter. *Veneza e Amsterdã: um estudo das elites do século XVII*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991
- CUNHA, Loris B. *A verdadeira História do Futebol Brasileiro*. RJ: Editora Publicitária, 1994
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: DIFEL, 1992
- FRANCO JR, Hilário. *A Dança dos Deuses: futebol, sociedade, cultura*. SP: Companhia das Letras, 2007
- FREYRE, Gilberto. *Sociologia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945
- GUTERMAN, Marcos. *O Futebol Explica o Brasil*. Dissertação de Mestrado, São Paulo. PUC, 2006
- KUPPER, Agnaldo & CHENSO, Paulo A. *História Crítica do Brasil*. São Paulo: FTD, 1998
- MARIVOET, S. Inclusão Social no e pelo Desporto. Um desafio do Século XXI. In: P. M. Pinto (Coord.). *Olímpico. Os jogos num percurso de valores e de significados*. Porto: Edições Afrontamento, 2013.
- MAZZONI, Tomás. *História do futebol no Brasil*. São Paulo: Leia, 1950
- MELO, VICTOR. A. *Esporte e Lazer: conceitos*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010
- MILLS, John. *Charles Miller: o pai do futebol brasileiro*. São Paulo: Panda Books, 2005
- MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2012, 9 ed.
- PEREIRA, Affonso de M. *Footballmania: uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000
- ROSENFELD, A. *Negro, macumba e futebol*. Perspectiva, 1993
- SANTOS, Joel Rufino dos. *História política do futebol brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1981
- SANTOS NETO, José M. *Visão de jogo: primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002
- SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Estático na Metrópole*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992

- SOUZA, Denaldo A. *O Brasil entra em campo: estado, trabalhadores e imprensa na construção da identidade nacional através do futebol (1930-1947)*. 2002. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2002.
- VARGAS, Getúlio. *Diário*. São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995
- WISNIK, José M. *Veneno Remédio – o futebol e o Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 2008

Agnaldo Kupper é escritor, historiador e professor.
Mestre e Doutorando pela Universidade Estadual Paulista, campus de Assis, SP.
E-mail: agnaldokupper2009@hotmail.com

-
- ¹ O conceito de elite utilizado remete a Peter Burke: poder, riqueza e status (Burke, 1991, p.16)
- ² Interessante observar o trabalho de Gilmar Mascarenhas de Jesus: *Várzeas, operários e futebol, uma outra Geografia*. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2002
- ³ A FIFA determinou que deveria haver uma única entidade representando os interesses futebolísticos do Brasil. Estava criado o primeiro impasse do futebol brasileiro, solucionado apenas em 1916 com a criação da Confederação Brasileira de Desportos, em 06 de novembro.
- ⁴ Entendendo-se popularização como o ato de apropriação de determinadas práticas e hábitos por camadas sociais subalternas dentro de determinada estrutura social. A possibilidade de improvisação, própria do futebol (como adaptar bola e campo de jogo), teria colaborado para a disseminação da prática futebolística em países como o Brasil.
- ⁵ *Voz do Trabalhador*, n. 9, 09 de dezembro de 1933
- ⁶ A Associação Atlética Mackenzie College foi fundada em 18 de Agosto de 1898, tendo entre seus frequentadores jovens da elite paulista, caso de Augusto Shaw e Belfort Duarte
- ⁷ O nome faz referência à variedade das nacionalidades dos jogadores da agremiação: brasileiros, espanhóis, alemães, portugueses e ingleses. O Sport Club Internacional foi formado em 19 de Agosto de 1899 e contava em seus quadros com nomes como Hans Nobiling e Artur Ravache que colaboraram na formação do Internacional; mas, por pretenderem um clube ligado especificamente à colônia alemã, criaram o Sport Club Germânia em 07 de Setembro de 1899.
- ⁸ *Diário de S. Paulo*, 29 de maio de 1934.
- ⁹ *Correio da Manhã*, 01 de junho de 1938
- ¹⁰ *Correio da Manhã*, 08 de junho de 1938
- ¹¹ *Jornal dos Sports*, 16 de março de 1938.
- ¹² Indico o documentário “História de todas as Copas”, produzido na França sob a direção de Alain Devaux, retratando Copas realizadas entre 1930 e 1978 (a versão brasileira inclui a Copa de 1982). Distribuição VTI Home Vídeo
- ¹³ Departamento Nacional de Comércio, 1942, Rio de Janeiro (*O Brasil atual: riquezas naturais, forças econômicas, progresso*), p. 210
- ¹⁴ Os brasileiros estão entusiasmados esperando vencer. *O Estado de S. Paulo*, 05/06/1938, p. 13.